

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Cristiana Pires Vieira de Sousa

Vivências e Desafios na pandemia: estratégia de enfrentamento desenvolvidas

Ouro Preto

2024

Cristiana Pires Vieira de Sousa

Vivências e Desafios na pandemia: estratégia de enfrentamento desenvolvidas

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Especialização
em Práticas Pedagógicas do Centro de
Educação Aberta e a Distância da
Universidade Federal de Ouro Preto,
como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista.

Orientador: Professor
Clayton Ferreira

Ouro Preto

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

V657v Vieira, Cristiana Pires.

Vivências e Desafios na pandemia [manuscrito]: estratégia de enfrentamento desenvolvidas. / Cristiana Pires Vieira. - 2024.
27 f.

Orientador: Prof. Dr. Clayton José Ferreira.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Centro de Educação Aberta e a Distância.

1. COVID-19, Pandemia de, 2020-2023. 2. Estratégias de aprendizagem. 3. Aprendizagem experimental. I. Ferreira, Clayton José. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Cristiana Pires Vieira de Souza

Vivências e desafios na pandemia

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista

Aprovada em 20 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Professor Doutor Clayton José Ferreira - Orientador - Externo
Professor Doutor Jacks Richard de Paulo - Universidade Federal de Ouro Preto
Professora Doutora Helena Azevedo P de Almeida - Externo
Professora Doutora Márcia Ambrósio Rodrigues Rezende - Universidade Federal de Ouro Preto

Professor Doutor Clayton José Ferreira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/11/2024



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Ambrosio Rodrigues Rezende, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/11/2024, às 21:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0806493** e o código CRC **3637B4C9**.

AGRADECIMENTOS

Esta fase da minha vida é muito especial e não posso deixar de agradecer a Deus por toda força, ânimo e coragem que me ofereceu para ter alcançado minha meta. À Universidade quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos. Aos professores reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias, em especial ao professor Clayton pelo suporte e orientação, onde ele esteve sempre presente, ouvindo e auxiliando em todos os momentos em que a ele recorri.

É claro que não posso esquecer da minha família, meu esposo Givanildo, que sempre esteve presente auxiliando no que se fez necessário, aos meus filhos Rafael e João Vitor pela paciência e carinho durante esta etapa. Também a minha mãe Lia sempre dando o suporte, sendo os meus olhos em casa, com cuidado e carinho com minha família na minha ausência. Eles que me incentivaram e inspiraram através de gestos e palavras a superar todas as dificuldades. A todas as pessoas que de uma alguma forma me ajudaram a acreditar em mim, eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem elas não teria sido possível

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso consiste em um relato de experiências. Aqui, irei tratar do trabalho que, com o apoio de colegas da educação, desenvolvi junto a quatro alunos e suas famílias durante a pandemia de COVID-19. Ao enfrentarmos as adversidades da educação remota na zona rural, com falta de equipamento e internet, aponto como são acertados os trabalhos de pesquisadores da educação, como Freire, Teixeira e Maturana, ao mencionar o protagonismo dos alunos, das famílias e de outros membros das comunidades para o aprendizado, além de darem centralidade ao afeto, as redes de solidariedade nos processos de educação.

ABSTRACT

This course conclusion work consists of a report of experiences. Here, I will discuss the work that, with the support of education colleagues, I developed with four students and their families during the COVID-19 pandemic. As we face the adversities of remote education in rural areas, with a lack of equipment and internet, I point out how the work of education researchers, such as Freire, Teixeira and Maturana, are correct, when mentioning the protagonism of students, families and other members of communities for learning, in addition to giving centrality to affection, solidarity networks in education processes.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Problema de Pesquisa	18
Objetivos Gerais	19
Justificativa	20
Capítulo I	21
Capítulo II.....	29
Considerações finais.....	32
Referências Bibliográficas	33

Introdução

Meu nome é Cristiana Pires Vieira de Sousa, tenho 43 anos, e vou contar um pouco da minha trajetória escolar. Minha infância foi muito divertida. Morava em uma fazenda na zona rural de Santa Cruz do Escalvado. Sou filha de Caetano Vieira Carneiro (já falecido) e Maria das Graças Pires Vieira. Tenho mais 4 irmãos: 2 homens e 2 mulheres. Desde criança, tinha atividades diárias para cumprir, entre elas tratar e cuidar de 150 galinhas e de 50 suínos, debulhar milho no paiol e raspar o esterco do curral. Nos raros momentos de folga, brincava de pique de esconder, subia em árvores e montava nos bezerros. Era muito divertido! Aos sete anos de idade, comecei a estudar. Era uma caminhada de quase 01 quilômetro e meio. A escola funcionava em um porão de um casarão em Zito Soares, que era um local provisório. Para alimentação, caminhava 10 minutos em fila até a Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro.

Minha primeira professora se chamava Ana. Estudei duas semanas e fiquei um pouco perdida, sem saber como acompanhar a turma na aprendizagem. Nesse período, meus pais se mudaram para nosso atual terreno no Córrego Vista Alegre. Mudei de escola e comecei a estudar na escola Fazenda da Serra. Ingressei no primeiro ano sem saber nada e meus colegas estavam mais adiantados pelo fato de completarem idade no início do ano.

A professora era minha tia Zinha (Luiza Domingas), que me ensinava muito ao pedir para fazer a leitura dos cartazes dos meus colegas que já sabiam ler. Foi um período muito difícil. Meus pais sempre trabalhavam fora e não tinham tempo e nem conhecimento suficiente para ensinar os deveres que eram repassados pela professora. Muitas vezes, chegava com as atividades na sala de aula apresentando erros. Era muito esforçada, mas diversas vezes me sentia perdida sem saber o que fazer.

Minha irmã mais velha, na época com nove anos, tinha que estudar e cuidar da casa; meu irmão mais velho começou a trabalhar na roça com oito anos. Minha outra irmã foi morar em Belo Horizonte na casa de uma prima. Quando chegava da escola, eu tinha que encher 200 litros de água para limpar o local onde os porcos e cabritos ficavam, além de fazer outras atividades. O único tempo disponível para estudar era só no período da noite.

Nossa casa não tinha luz elétrica e era através de uma lamparina de querosene, que soltava muita fumaça, que a casa era iluminada. Fui passando de série com muita dificuldade. Minha maior alegria foi na segunda série, quando comecei a ganhar vários

livros pela primeira vez. Ficava encantada ao ver tantas figurinhas maravilhosas, não sabia ler corretamente, só soletrar.

Meu sonho era saber ler e contar histórias para minha família. No período da noite, nos finais de semana, eu me sentava com minha família em volta de uma fogueira, assava mandioca, batata doce e contava “causos” de assombração. Meu maior medo na escola era de não saber a tabuada, pois trabalhava na roça junto com minha família que, em várias ocasiões, pegava serviço de empreitadas de longos períodos para roçar pastos, assim se ganhava mais dinheiro.

Nesse período, meu pai tomava tabuada do jeito que sabia fazer, mas não era o suficiente para aprender, ou decorar, como se cobrava na época, já que era exigido saber na “ponta da língua”. No dia marcado para tomar a tabuada, os alunos que acertavam tudo ganhavam um bombom da professora. Ficava imaginando o gosto daquele bombom, mas o tempo para estudar não era suficiente, pois estava sempre cansada do trabalho.

Na terceira série, havia uma professora chamada Ana Maria Pereira, que, às vezes, pedia para eu fazer a correção dos cadernos dos meus colegas, o que foi um incentivo muito grande para mim. Outra coisa que marcou muito nessa escola foi a cantineira chamada Silvinha, que fazia comidas deliciosas em seu caldeirão chamado de bujão de dona Silvinha.

Assim, finalizei a quarta série nessa escola com a professora Maria do Carmo, que usava uma vara de guaxuma para bater nos alunos que não prestavam atenção. Ela tinha problemas de saúde, enxergava pouco, procurava ensinar sobre as dificuldades da vida, mas reproduzia a terrível “pedagogia” da violência.

Estudei até a oitava série na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro, que ficava a três quilômetros e meio da minha casa. Primeiro tinha que ir a pé carregando os materiais numa sacola de arroz amarrada com tiras, depois usava o sonhado embornal (saco de tecidos), com pernas de calça que minha avó Sinhá havia feito.

Tive muitas professoras, mas o que mais me marcou foi Felisbina, a professora de história, pois os meus colegas criticavam a minha letra, já que não sabia escrever com caneta, e Felisbina, com afeto, me elogiava para eu não ficar triste. Tentava imitar a letra dela, que era maravilhosa, e fazia título nos nossos cadernos.

Minhas roupas eram usadas e ganhas de parentes, não tínhamos sapatos. Comecei o ensino médio na escola Estadual Doutor Otávio Soares, que ficava a 10 quilômetros

da minha casa. Foi muito difícil no primeiro ano aprender as matérias de Química, Física e Inglês, mas com a ajuda e a persistência dos professores e colegas, consegui aprender um pouco. No período das chuvas, o carro escolar não rodava, ficava sem ir à aula, que era à noite.

Fui convidada a trabalhar em casa de uma família na cidade de Santa Cruz do Escalvado para cuidar de uma criança e fazer todo serviço da casa. Era difícil cuidar da criança e realizar todas as tarefas diárias da casa, não sobrava tempo para revisar os conteúdos. Foi assim até a finalização do segundo ano, já no terceiro ano, não dava para trabalhar, estudar e fazer o estágio, assim fui morar com outra família, na qual fui tratada como filha por Maria Elisa e Geraldo.

Meu pai ajudava com alimentos e eu com o serviço da casa. Nessa época, havia uma professora chamada Penha, que me pedia para passar a matéria no quadro quase todos os dias. Na época do estágio curricular, que era realizado em duplas, uma semana era de observação e a outra de estágio.

Minha companheira foi Miriam, que tinha muita história para contar, passávamos horas e horas planejando nosso estágio para ser o melhor. Entrevistamos os professores em busca de informações do que os alunos mais gostavam, como fazer e o que fazer para buscarmos algo diferente, com inspiração na nossa infância. Os alunos amaram e foi assim que descobri minha vontade de transformar educando.

A sensação de alegria de ser bem tratada por todos da escola fez despertar o interesse de pedir à diretora Maria Rita Vieira para ajudar todos os dias no recreio e na educação física, assim poderia me alimentar e realizar minhas pesquisas para conclusão do magistério na escola. A maior parte do tempo ficava na biblioteca, às vezes era convidada para tomar conta da turma, passar algumas atividades na ausência de professores.

Eu me formei em 1998 com louvor e com certeza de ser professora. Comecei minha caminhada, substituindo professores da rede municipal no mês de abril de 1999, quando recebi um convite da secretária de educação, dona Nilce, para trabalhar na educação de jovens e adultos, fiquei um pouco insegura, pois havia alunos de 15 a 80 anos de idade.

Orientada pela professora Amália, que estava afastada para tratamento de saúde, fui conhecendo a realidade de cada um, que passou a me tratar com maior respeito.

Aproveitei a oportunidade para matricular minha mãe, que tinha o sonho de aprender a ler e escrever, o que não foi possível na sua infância, que era a realidade da maioria dos alunos adultos. Foi uma experiência incrível, além de ensinar eu aprendi muito com suas histórias, que faziam parte do nosso cotidiano. Assim, por dois anos e meio, com a troca do prefeito, parei de atuar por um tempo.

No ano de 2006, foi eleita conselheira tutelar (com 850 votos) para trabalhar na cidade de Santa Cruz, onde eu percorria, de bicicleta, cerca de 20 quilômetros por dia, durante três meses. Nesse período, houve um concurso municipal e passei na terceira colocação. Comecei a trabalhar na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro com uma turma de quarto ano, com apoio de dona Lili, professora aposentada, que gostava muito de ajudar na escola. Nesse mesmo ano, passei no processo seletivo da UFOP, no polo Jequeri. Foi assim que concluí meu sonho de fazer faculdade, pois não tinha condições financeiras para tal.

Sou casada, tenho dois filhos (João Victor de 17 anos e Rafael Vieira de 10 anos), resido no mesmo lugar, desde a infância, no Sítio Córrego Vista Alegre, com meu esposo Givanildo. Continuo atuando na mesma escola, tenho um grande potencial para alfabetizar os alunos, procuro estar sempre reciclando e fazendo o melhor. Já fui diretora, foi uma experiência maravilhosa, mas a sala de aula é o meu lugar, onde tenho uma experiência maravilhosa de realizar e construir sonhos.

No período da pandemia, cheguei até a pedalar doze quilômetros para ajudar alunos e pais que não sabiam manusear o telefone. Essa história foi, inclusive, tema de uma reportagem da Rádio Band News. Com meu filho Rafael, tive a oportunidade de ser mãe e professora ao mesmo tempo. O amor pela profissão não terminou, pois sou carinhosamente chamada de tia e elogiada pelos pais dos alunos que já alfabetizei. Tento fazer o melhor sempre, buscando novas formas de ensinar.

Assim, sigo a missão de ser professora na educação inclusiva, na turma do primeiro ano, junto com a professora Aparecida e nossos alunos com deficiência. Finalizo meu dia entregando o aluno na sua casa, com a sensação de dever cumprido e a felicidade de ser quem eu sou, alguém que procura praticar um trabalho com amor, como nos ensinou Paulo Freire. O amor que trato aqui é o que nos aproxima, nos solidariza com o outro, que é diferente de mim, nas suas crenças, culturas, mentalidade, corpo... Como escreveu Maturana:

O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social (Maturana, 2002, p. 23).

É nesse sentido que em meu cotidiano, como alguém que se vê como cristã, tento praticar uma educação com amor, mas nunca um amor que aprisiona, que reproduz violências, ou um trabalho escolar que oprime, como vivenciei. Nas palavras de Paulo Freire:

[...] a primeira condição para saber ouvir e efetivamente pôr em prática a Palavra de Deus é, na minha opinião, estar genuinamente disposto a se comprometer no processo de libertação do homem [...] A Palavra de Deus me convida, em última análise, a re-criar o mundo, não para a dominação de meus irmãos, mas para sua libertação [...] Isso significa que ouvir a Palavra de Deus não é um ato passivo, nem um ato em que somos recipientes vazios a serem preenchidos por essa palavra que não poderia, então, ser salvadora. Essa Palavra de Deus, enquanto salvadora, é uma Palavra libertadora que os homens têm que assumir historicamente. Os homens devem transformar-se em sujeitos de sua salvação e libertação” (FREIRE, 1979, p. 90).

Minha realidade é como a de muitas mulheres que trabalham em três ou até quatro jornadas, na zona rural, na escola, com a família, etc. O trabalho é parte do meu mundo desde a minha infância. Foi preciso muita luta e resistência para transformar minha vida e participar da transformação de outros como uma educadora de fato. Ou melhor, como uma profissional da educação que presa pela pedagogia do amor, do afeto, da inclusão, para apoiar na criação de oportunidades de transformação das realidades dos alunos, assim como eles me transformam diariamente.

Problema de pesquisa:

Devido a esta trajetória pessoal, e estas preocupações em realizar uma pedagogia do amor, neste trabalho de conclusão de curso, pretendo fazer um relato de experiência, tratando de como foram os enfrentamentos durante a pandemia de COVID-19 para que meus alunos não ficassem completamente desassistidos. Para isso, o nosso problema de pesquisa serão os caminhos e métodos que criamos junto aos alunos e seus familiares (aqui também entendidos como protagonistas da educação) para atuar na educação durante o distanciamento social para conter o máximo possível a transmissão da COVID-19.

Objetivos Gerais

1. Refletir a respeito das experiências como educadora durante a pandemia de COVID-19.
2. Relatar as práticas pedagógicas a partir das estratégias criadas juntos aos alunos, seus familiares e as comunidades durante o distanciamento social.

Este trabalho procura reafirmar quem, para além do conteúdo formal, as experiências educacionais durante o distanciamento social evidenciam a importância dos educadores, alunos, familiares e outros sujeitos na educação escolar. Também, evidenciar, mais uma vez, a escola como espaço privilegiado para uma educação do afeto, do desenvolvimento das habilidades sociais entre todos que, de alguma maneira, se encontram envolvidos com ela.

Justificativa

Como sujeitos importantes nas experiências escolares, é muito importante que os educadores e outros profissionais e sujeitos da educação compartilhem suas experiências educacionais durante a pandemia de COVID-19, para que possamos refletir sempre acerca do papel social e comunitário da escola e todos aqueles que agem nela e por meio dela.

CAPÍTULO I

Educando com alunos, familiares e a comunidade no distanciamento social

Nossa pesquisa foi realizada através de um levantamento de dados que realizei de minhas experiências como educadora de alunos com deficiência durante o distanciamento social na pandemia de COVID-19, nos anos de 2020 e 2021. Neste trabalho, irei relatar as estratégias desenvolvidas entre os sujeitos envolvidos nestas tarefas, nossos enfrentamentos. É importante iniciar mencionando a importância do relato de experiência para o debate e a realização de saberes entre pares e outros sujeitos envolvidos com as experiências relatadas.

Ao considerar o RE [relato de experiências] como expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas, é reconhecida a importância de discussão sobre o conhecimento. O conhecimento humano está interligado ao saber escolarizado e aprendizagens advindas das experiências socioculturais. O seu registro por meio da escrita é uma relevante possibilidade para que a sociedade acesse e compreenda questões acerca de vários assuntos, sobretudo pelo meio virtual, uma vez que o contexto contemporâneo informatizado possibilita isso. Deste modo, o conhecimento tem como objetivo a formação dos sujeitos na própria sociedade (MUSSI; FLORES; ALMEIDA; 2021, p. 4)

O tema das estratégias para atender alunos, com ou sem deficiência, durante o momento de isolamento social da pandemia de COVID-19, foi escolhido justamente por se tratar de uma situação nova e desafiadora, a qual reafirmou mais uma vez o papel de protagonismo necessário das famílias, importância debatida muito antes desta situação pandêmica.

A escola ao ser um espaço social responsável pela educação formal, possui um papel importante na formação dos indivíduos e dos valores socioculturais. A família, por sua vez, exerce um papel fundamental por estabelecer contato direto com a escola por meio dos princípios e valores ensinados aos seus filhos. Pensando assim, fica fácil entender o quanto é importante ter a comunidade como parceira da escola, seja para fortalecer laços, seja para contribuir, significativamente com ela na erradicação ou enfraquecimento de preconceitos existentes. Tudo isso, na intenção de se ter uma formação de cidadãos críticos e conscientes da sua realidade e responsabilidade social (SANTOS, 2017, p. 4)

Tivemos que superar diversos desafios, adaptar, criar estratégias para concluir a missão diária de alfabetizar os alunos em meio ao distanciamento social necessário para

evitar, o quanto possível, a contaminação pelo vírus da COVID-19. Com a chegada da pandemia, fiquei sem saber como atender os alunos com deficiência, os quais era responsável. Compreendia que familiares não dominavam o uso do smartphone e seus aplicativos. Além da dificuldade dos familiares dos alunos e dos meus próprios limites com o mundo virtual/digital, o acesso à internet era escasso e de má qualidade. E os familiares, junto ao resto da comunidade da qual pertencem, são de grande importância para o que Freire nos ensina: uma escola envolvida com o lugar ao qual pertence, se encontra mais próxima as demandas sociais daquele espaço, especialmente a escola pública. Em suas próprias palavras “Uma Escola Pública popular não é apenas que garante acesso a todos, mas também aquela de cuja construção todos podem participar, aquela que realmente corresponde aos interesses populares, que são os interesses da maioria” (FREIRE, 2011, p.10).

Para lutarmos contra as desigualdades, as escolas precisam estar próximas aos sujeitos das comunidades que se encontram. Além disso, a sala de aula é um local propício para o desenvolvimento dos afetos,.

Manter distanciamento dos alunos, dos pais e de moradores do bairro em que ela está localizada, desconhecer ou ignorar seus problemas e mazelas sociais, significa dar abertura para a violência e para o fracasso em todos os sentidos, como por exemplo, o cognitivo, o social, o físico, o financeiro, o econômico e o emocional. Embora a escola seja um local teoricamente visto como da formalização do conhecimento e cultura, defendemos que para termos um ambiente acolhedor e de sociabilidade não é sensato deixar de lado a questão da afetividade, da familiaridade, da proximidade e do carinho. Observamos que quanto mais nos sentimos familiarizados com o ambiente e fazemos parte dele, mais conseguimos fazer da construção do conhecimento algo prazeroso, significativo e comum no cotidiano escolar (SANTOS, 2017, p. 5)

Em meio a isso, a pandemia nos pegou de surpresa, nos assustou, nos fez temer a presença uns dos outros com o risco da contaminação e da possibilidade de hospitalização, especialmente antes de surgirem as vacinas. Surgiu, assim, a necessidade de refletir sobre as minhas práticas como professora. Como realizar uma educação com afeto, como vivenciar as relações e interações entre alunos, professores, pais, comunidades, todos os funcionários da escola, se as escolas estavam fechadas e elas são lugares especiais para que todas essas interações ocorram? Ou como escreveu Inês Teixeira:

Pensando a relação que instaura a docência e, por conseguinte, a condição docente em sua realização nas sociedades modernas e contemporâneas, é preciso considerar a escola. É ela, via de regra, o *locus* fundamental em que a condição docente se realiza. É ela a sala de aula, o espaço no qual docentes e discentes interagem convivendo durante a maior parte de seus tempos escolares. A escola é, primeiramente, um direito de cidadania. Exercer a docência é, portanto, trabalhar com direitos sociais dos cidadãos da polis, em sua versão moderna (TEIXEIRA, 2007, p. 434).

O desafio foi imenso! No caso da família do aluno A, que trago o relato aqui, a mãe tinha muita dificuldade para manusear o telefone. O pai tinha um pouco mais de facilidade. Assim, através de uma conversa por celular, consegui conversar com a família e descobrir um pouco mais das dificuldades da criança: ela estava no segundo período, e no primeiro período tinha frequentado só três dias na escola. Através da conversa, montamos estratégias para atender melhor o aluno, juntamente com a família.

Além dos materiais impressos, que eram entregues na casa da criança mensalmente, realizei o atendimento por ligação telefônica, somente por áudio. A mãe acompanhava, me auxiliando nas dinâmicas ao cantar, brincar, manusear o material e outros objetos, enfim, dando apoio nas atividades motoras e cognitivas, entre outras. Logo, foi necessário ir ao terreiro de sua casa na zona rural, para debater com a família como poderíamos melhorar o atendimento remoto, já que eles precisavam compreender melhor as funcionalidades do smartphone para trabalharmos por vídeo e, dessa forma, somar qualidade na aula remota.

Assim, a mãe relatou ter aprendido como utilizar o smartphone através das minhas explicações. O aparelho se transformou em uma ferramenta essencial para que pudéssemos realizar alguns tipos de atividades, ainda que de forma precária. Isso porque, a experiência remota na pandemia demonstrou, mais uma vez, que a presença física é oportunidade única de desenvolvimento social e afetivo, de experiências e habilidades, do corpo no espaço da escola com os outros alunos e profissionais da educação. Portanto, a pandemia acabou por privar todos nós das experiências que se manifestam no convívio uns com os outros, especialmente os discentes em espaço escolar.

No terreiro da casa do aluno A, em localização rural, fiz uma ligação de vídeo e conversei com a mãe, explicando como utilizar o aplicativo de vídeo, para que, assim, ela e o aluno pudessem conhecer melhor a professora. Também debatemos como seria importante utilizarmos o recurso visual, e não somente o áudio da ligação telefônica.

Então, demos início ao nosso trabalho, e todos os dias, no horário exato, realizávamos nossas atividades. Conversando com a mãe, ela me relatou tudo que ele mais gostava (especialmente o amor pela música e por cantar), e tentei fazer meus planejamentos baseando naquilo, e na convivência dele do dia a dia com a família, para tentar facilitar o aprendizado. Foi muito difícil no começo, mas aos poucos fomos adaptando e melhorando cada vez mais.

Realizávamos as atividades por vídeo, mas quando a mãe deste aluno tinha dificuldades em atender a videochamada, fazíamos nosso trabalho apenas por áudio. Durante essas ligações, contando com a ajuda do meu filho Rafael, para cantar, tocar violão e brincar, fazíamos jogos para aprender os números, as letras, desenvolver a cognição, a coordenação, a fala, etc. Assim, durante o percurso, o aluno A passou a conversar, porque ele conversava pouco e não tinha contato com pessoas, a não ser do meio familiar dele. Com certo grau de autismo, em geral, ele só ficava em casa. Aos poucos o aluno foi acostumando com o horário das ligações e se adaptando com as atividades.

Quando trabalhávamos com a alfabetização, sempre apontávamos objetos ou animais que a família tinha em casa. Os familiares foram sujeitos mais que ativos nestas jornadas. Por exemplo, quando falávamos “b” de bola, o aluno A saía no terreiro de sua casa, mostrava a bola através da ligação de vídeo. Quando tratamos da letra “g”, ele, que era apaixonado com as galinhas, corria para me mostrar elas. Ao fim, quando conseguíamos fazer a ligação de vídeo, tudo era melhor elaborado e interessante. Aliás, é preciso dizer que, muitas das vezes, a ligação caía devido à má qualidade do sinal de internet. Isso era péssimo, e era preciso retornar as ligações várias vezes.

Haviam momentos onde o aluno ficava cansado e não queria mais realizar as atividades. Acredito que, como o trabalho remoto invade a vida pessoal de todos envolvidos, fica ainda mais cansativo para as crianças terem seu lar como um espaço de atividades para a escolarização.

Na pandemia, trabalhava com duas turmas com aluno especial da educação infantil e com uma turma do quarto ano. Neste segundo grupo, iniciei o trabalho ainda em 2019, finalizando em 2020. Foi um desafio muito grande atender alunos, ainda que fossem somente cinco, devido ao distanciamento social. Muitos deles não tinham acesso à internet e outros nem mesmo ao sinal de ligação telefônica. É importante dizer que o

atendimento, para todos, era realizado utilizando o mesmo material impresso, que era entregue nas casas mensalmente. Para facilitar as ligações ou as explicações para aqueles alunos que não tinham acesso ao sinal de telefone e até mesmo não tinham plano para realizar as ligações.

A aluna B foi especialmente complicada de atender, pois a família não sabia manusear o smartphone. Por isso, foi necessário se apoiar completamente no material impresso, realizando visitas presenciais mensais, com todos os cuidados necessários para evitar a contaminação pelo COVID-19. Um dos alunos foi meu próprio filho, Rafael, que realizava as atividades juntamente com os demais alunos quando eu conseguia fazer ligação de vídeo, ligação telefônica, ou até mesmo enviando áudios através do aplicativo WhatsApp.

As aulas eram gravadas no meu computador e enviadas (especialmente no caso das turmas maiores), onde realizava as explicações por vídeo, em minha casa, utilizando um quadro, jogos, e também de brincadeiras lúdicas, não somente para as estratégias de aprendizado, mas também para tentar descontrair as crianças, ser um momento agradável. Assim, também era possível prender a atenção dos alunos e aguçar à vontade em querer estudar todos os dias no horário planejado. A minha intenção era a de que o momento da aula fosse uma experiência aguardada, desejada pelo aluno. Quando tinha que atender o aluno de forma individual, realizava esse momento fora do horário dos demais.

O aluno C morava seis quilômetros da minha casa, onde os pais não sabiam mexer com telefone analógico ou digital, não tinham plano telefônico. O pai não teve a oportunidade de se alfabetizar. A mãe concluiu a oitava série, mas não conseguia auxiliar os filhos no aprendizado. Esta família, além do meu aluno, que estava no quarto ano, tinha outro filho que estudava no segundo ano, que demandava maior esforço e atenção familiar, já que ele não conversava com o professor, por timidez, e mesmo por dificuldade em socializar com outras pessoas, algo que se agravou durante o distanciamento social. Algo que ele pouco tinha feito na escola era conversar com professores ou seus colegas.

Com tamanha dificuldade, o pai dessa família me solicitou se poderia atender seus filhos na minha casa. Disse que não poderia, já que seria um risco para todos nós, para minha família, e especialmente para ele, que era idoso. Perguntei se havia alguma possibilidade de criar um plano telefônico para tentar fazer, pelo menos, algumas ligações e manter o aluno a par das atividades. Isso foi feito, porém, como os alunos tinham muitas

dificuldades, muitas vezes eles não conseguiam atender o telefone, e menos ainda realizar as atividades do material impresso sozinhos, sem auxílio. Ambos precisavam da ajuda do professor para ler as atividades e para escrever. As dinâmicas dos jogos e brincadeiras eram muito difíceis de explicar nessas condições de falta de acesso a uma boa comunicação.

Assim, os desenvolvimentos do aluno C e seu irmão não estavam indo bem. Não estávamos conseguindo realizar nem cinco atividades mensalmente. Às vezes ele somente assinava o nome nos blocos das atividades impressas. Aos perceber que esse aluno ia ficar muito prejudicado, resolvi pedalar todos os dias seis quilômetros para trabalhar com esse aluno pessoalmente, tomando todos os cuidados possíveis para evitar a contaminação. Dessa forma, conseguimos uma alternativa para fazer o trabalho de modo um pouco melhor.

Durante três semanas, realizamos as tarefas no terreiro da propriedade rural da família dos alunos, a céu aberto. Assim, resolvi atender o irmão do aluno C, que estudava no segundo ano. Com muita dificuldade, aquele estudante tímido passou a conversar comigo. Deste modo, desenvolvemos estratégias para atender os dois irmãos com jogos, brincadeiras, contação de histórias e até mesmo músicas para trabalhar tabuadas, ditados, redação, etc. Foi assim que os alunos passaram a gostar do que estavam fazendo. Até sua irmãzinha, de 2 aninhos, passou a fazer parte das atividades, de forma lúdica, pegando o lápis e um caderno velho.

Todos os dias que ia até a casa da família do aluno C, levava o smartphone e procurava ensinar como manuseá-lo. Enquanto isso não era possível, explicava para os pais como poderiam fazer a leitura das atividades, e que o aluno ia ter que ter muita atenção para realiza-las em casa com a família, quando eu não estava presente. Os pais, sempre que tinham a oportunidade, pediam para que eu não abandonasse as crianças, que estivesse sempre fisicamente presente. Foi necessário explicar que eu não poderia ir na casa deles todos os dias, já que tinha outras crianças para atender, além do planejamento das aulas e a necessidade de realizar minhas tarefas diárias. O pai e a mãe, então, com muita tristeza no olhar, pediram se eu poderia fazer o atendimento aos sábados na varanda da minha casa, porque, do contrário, acreditavam que o desenvolvimento escolar dos seus filhos seria brutalmente prejudicado.

Resolvi, nestas circunstâncias, atender as crianças na varanda da casa que foi de minha mãe, que se encontrava sem morador naquele momento. Adaptei o local com a ajuda da diretora da nossa escola, adicionei um quadro ao local e a escola forneceu pincel para eu trabalhar com essas crianças. Aproveitava também esta estrutura para atender o meu filho, e para ver se aqueles meninos tinham mais ânimo com a ajuda dele nas dinâmicas. O trabalho era realizado da forma mais segura que podíamos: cada aluno se sentava distante de mim e um dos outros, usavam máscaras e álcool em gel. Acrescento que, para chegar ao local, agora eram eles que caminhavam aqueles seis quilômetros. Um desafio imenso para todos nós, famílias, alunos, direção escolar e docentes.

Foi assim, durante o enfrentamento, que fomos descobrindo estratégias e maneiras diferentes de alfabetizar o aluno do segundo ano, irmão do aluno C, que tinha maiores dificuldades. Realizamos as atividades desta forma por dois meses, onde o pai destas crianças, incansavelmente, deslocava os filhos todos os sábados, e eu parava tudo que estava fazendo para atendê-los.

Com a chegada da onda roxa na pandemia (momento de maior gravidade da contaminação, hospitalização e mortalidade), em março de 2021, conversei com o pai: eu não poderia atender mais as crianças na casa de minha mãe, porque todos nós e nossas famílias estaríamos correndo um risco ainda maior. Expliquei ainda que eu não tinha permissão da gestão de saúde da cidade e nem mesmo da escola para fazer o atendimento. Foi assim que nós iniciamos o atendimento por ligação telefônica, onde passávamos cerca de quatro horas conversando com o aluno C, mas eu já não conseguia atender seu irmão, porque eu não tinha o seu plano de aula. Ao dar aula para o meu aluno, pedia para escrever textos, lia palavra por palavra, e foi assim que conseguimos finalizar o ano letivo, e pude perceber que, a cada dia, ele ia melhorando mais e mais o desenvolvimento de sua alfabetização, a sua atenção e concentração e a performance na realização das atividades.

A aluna D iniciou a realização das atividades com ajuda de uma vizinha distante, que sua mãe pagava mensalmente para atender os três irmãos. Em determinado momento, consegui entrar em contato telefônico com a família para ver o que que estava acontecendo, já que estava tendo muitas dificuldades em conversar com esta aluna por mensagens, através do grupo de estudantes no aplicativo WhatsApp.

Assim que sua mãe me passou o contato da aluna, mencionando que o sinal telefônico ou por web era péssimo na localidade rural que eles viviam, procuramos

encontrar um local em sua propriedade onde havia qualidade melhor do sinal da internet, fora de sua casa, onde ela conseguisse realizar as atividades todos os dias, ainda que não fosse possível no horário regular da turma escolar dela, no horário de um dos outros alunos que eu atenderia junto a ela. Isso era possível pois eu usava o meu telefone e o da minha mãe para fazer ligação para dois alunos ao mesmo tempo, e meu filho me auxiliava a explicar o conteúdo. Foi assim que a mãe da aluna D encontrou, junto a ela, um local com sinal de internet com alguma qualidade no terreiro da sua casa.

Em determinado momento, precisei fazer uma cirurgia, mas não poderia abandonar meus alunos. Foi aí que tive a ideia de entregar os blocos de atividades pessoalmente, e explicar a matéria do bloco inteiro para cada aluna e aluno, e então, continuar as aulas através de gravações de vídeo. Fui de casa em casa, pedalando quilômetros na zona rural, onde expliquei todo o conteúdo e, assim, foi possível realizar as atividades de uma semana completa. Foi um sucesso: meus alunos conseguiram realizar todas as atividades, pois me disseram que adquiriram mais segurança e tranquilidade para fazer os exercícios com as minhas explicações e através dos vídeos e com grupo de atividades pelo WhatsApp. Em alguns destes grupos, vários professores reuniam para compartilhar atividades diferentes, e alguns deles compartilhavam as experiências de solidariedade entre os próprios alunos, onde aqueles que tinham mais facilidade ensinavam os que possuíam mais dificuldade. Assim, com essa união comunitária, o trabalho foi crescendo, se adaptando, e o desenvolvimento dos alunos ia melhorando cada vez mais.

Sentia que a cada mês eu conseguia desenvolver um trabalho melhor, com maior qualidade, e tinha mais tranquilidade para ensinar os meus alunos e para trocar ideias com colegas e as famílias dos alunos. Foi possível perceber, nas experiências diárias, aquilo que Freire, Teixeira e Maturana evidenciaram nos seus trabalhos: a participação afetuosa da família, dos próprios alunos, dos agentes escolares e de outros protagonistas no desenvolvimento dos discentes é fundamental para o aprendizado.

Eu era muito bem recebida por todos por meio de ligações ou até mesmo nas visitas que eu fazia mensalmente para as famílias, no dia da entrega do bloco impresso de atividades. Através das descobertas das dificuldades que íamos desenvolvendo estratégias. O amor, a dedicação, o respeito e o carinho, todos se afluam com a empatia, quando nos colocamos no lugar do outro e amamos aquilo que fazemos.

CAPÍTULO II

Experiência de uma professora e uma aluna relatada em entrevistas

Em determinado momento, compartilhei minhas experiências com uma colega professora, que morava em Belo Horizonte. Sua irmã, que era estagiária na Band, ouviu minha história, e resolveu contá-la junto a de outras professoras, acerca de seus desafios na pandemia. Então, fui convidada para participar de uma entrevista: várias perguntas que eu devia responder naturalmente. Fiquei bastante envergonhada, pois pensava que eu não estava preparada para aquilo, que não sabia nem conversar direito através de uma ligação em vídeo. A entrevistadora me acalmou, dizendo que tudo seria muito tranquilo, e que poderíamos fazer por áudio, para a rádio Band News. Eu não queria participar, mas ela me convenceu ao dizer que o meu trabalho era maravilhoso e que outras pessoas deveriam ouvir minha história. Nesta entrevista, contei parte do que relatei no capítulo anterior.

Após isso, a Band me procurou mais uma vez, manifestando interesse em fazer uma entrevista com um dos meus alunos. Decidi que não deveria escolher meu filho, para não dar o privilégio nepotista para ele. Resolvi, então, escolher a aluna D, que tinha um pouco mais de facilidade para conversar através de ligação ou até mesmo pessoalmente. Ela e a família aceitaram prontamente o convite. Tivemos que combinar estratégias para que isso pudesse ser realizado. Só era possível conversar com a família quando eles iam para o local adequado em sua propriedade rural, onde tinha melhor sinal, ou quando o pai precisava resolver alguma coisa na cidade. Antes da entrevista, o pai desta aluna passou algumas vezes na minha casa (que era bastante distante da dele) para tirar algumas dúvidas. Combinamos o dia e o horário que a aluna seria entrevistada através da ligação.

Ela conta, na entrevista, das dificuldades, mas principalmente a rede de apoio, digamos assim, que foi criada com ela, com a família, com membros da escola, e comigo, sua professora. Aí, então, ela me agradeceu de forma muito carinhosa, o que me deixou emocionada.

Foi possível, mais uma vez, na voz daquela aluna, perceber a importância do afeto, da construção de um relacionamento entre todos os sujeitos da escola e os alunos para uma educação efetiva, algo tão densamente debatido por grandes intelectuais, como Paulo Freire, Inês Teixeira e Maturana. Isso é possível, mesmo que não haja uma condição

material ideal para todos os sujeitos envolvidos no aprendizado. Ou como nos ensina a professora Inês Teixeira

Não se trata de saber se estamos no campo ou na cidade, se é em um buraco ou se é em uma sala de aula, se é o que se ensina é português, física, matemática ou história, trabalhando-se com este ou com aqueles métodos ou projeto o que interessa, primeiramente, se é o que nada mais tem sentido, é a relação que se estabelece entre o sujeito sócio culturais docentes e discentes, onde seja, como seja, e não seus conteúdos e métodos. Pode haver ou não este ou aquele livro, um quadro de giz ou um Data-show, o docente pode estar em uma universidade ou numa escola infantil, em uma cidade, em um bairro, ou em outro país. Desde que haja esta relação a docência se estabelece. O que mais importa é que ali existam, que ali estejam, na relação, os sujeitos socioculturais que nela se constituem como docentes e discentes, numa interação intencionalmente medida pelos processos de transmissão e de reinvenção da cultura e do conhecimento (TEIXEIRA, 2007, p. 432).

Nossa experiência compõe nossa história, e minha relação de afeto com minha turma do ensino fundamental pareceu sempre recíproca, construída por todos ali envolvidos. Procuramos criar um lugar de diálogo, onde todos têm direito de voz, amor, respeito, debate, confiança, participação, troca de saberes e construção do conhecimento. Procuramos ouvir uns aos outros, construindo a oportunidade de expor o ponto de vista de cada um, e, assim, negociar o que faríamos nas atividades de aprendizado.

O desenvolvimento foi sendo realizado de um percurso onde, de forma individual, familiar ou comunitário, estabelecemos uma relação de convivência de troca, onde todos poderiam se expressar. Assim, cada um poderia apreender, cada um no seu tempo, com a sua missão de construir o conhecimento de qualidade, onde professor e aluno ficavam animados em aprender, em compartilhar.

Nossa profissão tem um poder de desenvolver o encantamento em outras pessoas. Com todo este aprendizado, busco formas de despertar as potencialidades inatas dos meus alunos, baseadas nas experiências cotidianas, através dos diálogos e laços afetivos. O compartilhamento com a família do desenvolvimento individual e coletivo dos seus filhos permite a eles dividir responsabilidades, o que facilita e melhora o desenvolvimento pessoal de cada um. Transmitindo os sentimentos e pensamentos, se comunicando, evitando qualquer agressividade, estimulando a autonomia. Acredito que, podemos, assim, criar a possibilidade de educar encantando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução deste relato de experiências, quando eu estava sendo alfabetizada, a educação, aliada com o afeto de minhas professoras, me ajudaram a desenvolver amor, desde criança, pela profissão de professora. Mais do que isso, minhas professoras, minha família, todos juntos, proveram um ambiente onde pude desenvolver habilidades sociais, empatia, carinho, amor.

Na posição de professora, aprendi que meu trabalho não dependia somente da minha capacidade de construir conteúdos e atividades, junto aos alunos e colegas. Muito mais que isto, as habilidades sociais e afetivas, as quais tive o privilégio de obter em um ambiente de amor, são centrais para mim, como educadora, especialmente em uma educação que entende o aprendizado como foco da atividade docente, e percebe os alunos como protagonistas deste aprendizado. Como nos ensinam Freire, Teixeira, Maturana, e tantos outros pesquisadores, o professor não é um “transferidor de conteúdos”, ele cria e coordena atividades junto aos colegas e discentes, em uma rede de sociabilidade, de solidariedade. Quando se ignora estas compreensões, o ensino, e principalmente o aprendizado, podem ser altamente prejudicados, assim como as habilidades sociais e afetivas dos discentes.

Durante a pandemia, a escola, como espaço físico, não pôde ser habitada. E foram justamente as redes de solidariedade, os afetos, que foram de grande importância para remediar, temporariamente, a impossibilidade de estarmos fisicamente juntos. Especialmente para alunos com deficiência e que possuem uma vida de carência material. Numa situação tão adversa, tão grave, foi Freire que, mais uma vez, estava certo, ao nos ensinar que é a capacidade de vivermos afetivamente em comunidades que nos possibilita atravessar desafios, especialmente, a da educação libertadora.

Referências Bibliográficas:

ALENCAR, Islany C. **A perspectiva pedagógica do amor em Paulo Freire**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 101. 2017.

AMBRÓSIO, Márcia (org.). **E-corpo e movimento: culturas e visualidades plurais na formação docente**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

AMBRÓSIO, Márcia; PIMENTA, Viviane raposo (org.). **Escre(vidas) docentes: as rochas do conhecimento**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

AMBRÓSIO, Márcia (org.) **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

AMBRÓSIO, Márcia (org.). **Tendências da Pesquisa em Educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. **Letramento literário: concepções e práticas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. **Oficina de Letramento Acadêmico**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10/11/2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SANTOS, Adeises Lima Dos et al.. **A escola como espaço de sociabilidade**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35166>>. Acesso em: 10/11/2023

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **Da condição docente: primeiras aproximações teóricas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/y6Mndr9brCyRzJRfKG49Qfb/?format=pdf>>. Acesso em 30/09/2022